

# "RONDON PACHECO É UM DOS HOMENS MAIS ORDINÁRIOS E MAIS CAPACHOS DO PAÍS"

O senador Vitorino Freire, após assistir sexta-feira, às 11 horas, a posse do comandante do IV Exército, general Moacir Potiguara, concedeu entrevista ao Jornal Pequeno, em Recife.

Com palavras seguras o senador, Vitorino acentuou que o "sistema, cujo chefe é meu chefe, general Geisel. Em qualquer Estado que seja necessário, com as relações que tenho para ajudar o presidente, estou presente. Obedeci a chefia do marechal Eurico Gaspar Dutra até seus últimos dias de vida. No dia de seus funerais o presidente Geisel, ao dirigir-se a mim, no velório, no Palácio do Catete, declarou-me: — Perdemos um grande chefe — E eu lhe respondi — Agora, com você, até morrer."

Prosseguindo disse o senador Vitorino Freire: "Nunca mudei de posição e nunca entrei em conchavos imediatistas que me comprometessem lembrando-me sempre de uma declaração de Rui Barbosa: "Cultivo o lar, o retraimento e o círculo amplo das afeições. Estudo solitário donde não arredo para a cena da publicidade, senão chamado por deveres irresistíveis."

"Depois de longos anos de ausência fui convocado para empenhar-me numa luta e dar toda a ajuda a meus amigos, sobretudo aos mais jovens que me substituirão nas lutas do futuro. Não se aponta na minha vida uma tração e um sentido de carreirismo político. Os meus amigos de hoje, sobretudo na área militar, são os mesmos de 30 ou 40 anos atrás. Os Geisel, Landri Sales, Jurandir Mamede, Juracy Magalhães, Sílvio Frota, Moacir Potiguara, Ramiro Gonçalves, Jorge Correia, Mendonça Lima, José Fraga, Lyra Tavares, Humberto Mello, Ary Pires, Eduardo

Gomes, Reynaldo de Almeida, e tantos outros que relembro o redobrar da saudade, que a morte privou do meu convívio.

Disse posteriormente o velho senador: "Nunca andei como macaco, pulando de galho em galho. Como penetra, a entrar onde não fora chamado. E esta fidelidade permanente aos amigos, no poder ou fora dele, tem sido o chão em que tenho pisado para ser digno destas amizades e do povo maranhense, que me galhardou com vários mandatos. Em vinte e duas viagens, representando o meu País marchei ao lado de chefes de Estado estrangeiros, reis e presidentes, sem perder a minha condição de homem humilde, sem humilhação e sem comprometer o bom nome, a honra e a dignidade da terra e do povo maranhense. Jamais deixei de atender o pregão, me defendendo quando os ataques partiam dos inimigos qualificados. Assim posso dizer que minha vida sou eu."

"Aos amigos ricos nunca pedi coisa alguma e aos amigos pobres nada também pedia, porque nada tinham para me dar, a não ser o conforto da solidariedade."

Destacou ainda o senador Vitorino: "Escolhido o governador, meu amigo, dr. Nunes Freire, a ele darei os meus amigos, toda ajuda e todas as energias que me restam, para que ele faça um bom governo, porque todo o Maranhão conhece sua altivez e sua independência".

"Do governador Pedro Neiva nunca recebi favores políticos, não obstante ser meu amigo de muitos anos, e de sua família. Sempre recebi demonstrações de amizade e carinho e que hoje as retribuo de forma mais acentuada quando escasseiam as dedicções que ele armou e cuja meta prin-

cipal era de destruir-me. Vencido na sucessão governamental de 1965, com a destruição de uma força disciplinada, destruída pelos que botei no poder, recolhi as linhas estendidas na luta estadual para firmar-me no plano nacional, onde sempre militei e onde se tornava mais difícil o adversário vitorioso em destruir, suportando 9 anos de massacre pela vaidade mórbida dos milhões de dinheiro do Estado, gastos no dinheiro da propaganda na imprensa. Na situação atual não tenho ajustes, nem encontros marcados. Nunca bati em animal cansado e, assim, fiquem todos certos que não repetirei os erros e as injustiças com que me maltrataram.

"O último posto que tinha, no plano nacional, era no diretório nacional da ARENA. O touro e os toureiros tirando-me todo o sangue com bandalhiras me furando em todas as direções. Faltava apenas o matador dar-me o último golpe e a carrega me retirar do picadeiro."

"E o matador que empunhava a lançeta era um dos homens mais ordinários e mais capachos deste país: o governador Rondon Pacheco, cujo parceiro teve o pulso seguro pela mão forte do então ministro Orlando Geisel, que através de seu chefe de gabinete, general Potiguara, atual comandante do IV Exército, evitou que o milheiro ordinário e vil, que só me devia favores e atenções, conseguisse me destruir."

"Este é o retrato sem retoques que, à guisa de depoimento, presto ao povo maranhense, para cujo julgamento sempre recorri."